

Os Bacharéis e a Imprensa do Século XIX no Recife: a produção de Tobias Barreto¹

Regina Alves ATAÍDE²

Vera Borges de SÁ³

Universidade Católica de Pernambuco, Recife, PE

RESUMO: Objetiva compreender como os periódicos de bacharéis do século XIX contribuíram como espaços de sociabilidade para difundir ideias da Escola do Recife, movimento fundado na Faculdade de Direito do Recife, por Tobias Barreto de Menezes. Assume como objeto de estudo a produção jornalística do próprio Tobias Barreto, considerada pela imprensa pernambucana como significativa na história do jornalismo do estado. Teoricamente aborda o conceito de sociabilidade em Simmel; e de intelectual em Sirinelli e Mannheim, para compreender o papel sociológico sobre o conhecimento que essa Escola manifestou historicamente nos jornais de Pernambuco. Metodologicamente, elaborou-se um perfil da produção jornalística de Tobias e uma análise textual do seu primeiro periódico, O Acadêmico, 1865, em que escreveu.

PALAVRAS-CHAVE: Escola do Recife; Tobias Barreto; produção histórico-jornalística; sociabilidade.

1. Introdução

A Escola do Recife foi um movimento intelectual produtor de ideias que difundiram orientação metodológica inspirada em teorias evolucionistas de caráter alemão, espiritualista e com matiz sociológico pouco positivista. O conteúdo foi uma ampla abordagem literária, científica e histórico-culturalista, cuja produção se materializou em inúmeras publicações do século XIX, principalmente, através de artigos de jornais e revistas organizados em Pernambuco, e também em outros locais do país.

O conjunto desses periódicos foi o mais eclético possível: poesia científica, filosofia, estudos literários, estudos do direito, arte dramática, música, etc. Estudiosos da Escola do Recife (PAIM, 1966; SALDANHA, 1985; BARRETO, 1988; CHACON, 1969;

¹ O tema do artigo aqui apresentado sobre o jornalismo de bacharéis da Escola do Recife do século XIX faz parte da pesquisa da Profa. Dra. Vera Borges de Sá, intitulada “Tobias Barreto e a Escola do Recife: dos Rompimentos com o paradigma sociojurídico às sociabilidades dos bacharéis do século XIX”. Essa pesquisa conta com a participação de bolsistas de graduação dos cursos de Direito e Jornalismo.

² Bolsista de Iniciação Científica, PIBIC, e estudante do curso de Direito da Universidade Católica de Pernambuco – UNICAP, email: regina.ataide@outlook.com

³ Orientadora da pesquisa da bolsista. Dra. em História e Mestre em Sociologia. Profa. Adjunto III da Universidade Católica de Pernambuco – UNICAP, email: verab63@gmail.com

FERREIRA, 1954; DELGADO, 1970), já levantaram o que foi feito jornalisticamente por esses integrantes. Porém, sua produção discursivo-jornalística, reveladora do movimento das ideias e de suas articulações em periódicos locais, continua a merecer intensiva investigação.

Diferentemente do que se costuma reputar, muitas dessas ideias veiculadas jornalisticamente pela Escola do Recife, não se constituíram como atividade secundária de menor valor em relação à publicação de livros. Os periódicos foram, sim, a fonte primordial para fundamentar a visão de mundo daqueles bacharéis da Faculdade de Direito do Recife. Nesses escritos esparsos e efêmeros, que não são poucos, encontram-se o pensamento de contravenção teórica e o instrumento político mobilizador. Foram espaços em que se assumiram posicionamentos políticos explícitos, seja contra o liberalismo escravocrata e a favor da república, seja sobre a educação feminina e sua exclusão, seja sobre as questões nacionais vigentes que pulsavam no oitocentos.

Havia uma espécie de prática política da insatisfação, que apontava desacertos da academia de Direito ou da administração pública. Mais do que ideias, os jornais revelam uma consciência política extremamente prática, assumida por esses bacharéis que também se tornaram políticos. Tobias Barreto, por exemplo, tornou-se Deputado da província de Pernambuco; Martins Júnior foi ministro da Justiça, logo depois da República proclamada; Sílvio Romero foi Deputado Estadual e Clovis Beviláqua contribuiu para redigir o Código Civil, além de ter feito parte do Ministério do Exterior como membro da Corte Permanente em Haia. Já Arthur Orlando, com a República, foi senador estadual por Pernambuco e deputado estadual em algumas legislaturas. Os escritos jornalísticos desses bacharéis e a participação política dos mesmos revelam que não foram apenas sujeitos de retórica, defensores da ordem e do progresso, ou que desfrutaram das posições dominantes que o Estado poderia lhes proporcionar. Foram constantes combatentes dos problemas nacionais, tanto numa via quanto noutra.

Os bacharéis têm um papel fundamental como porta-vozes das ciências sociais no Brasil e como formadores de opinião pública em termos de politização que passa através de jornais. Na história da imprensa em Pernambuco, Luiz do Nascimento afirma que a partir de meados do século XIX em diante, observa-se que muitos dos que passavam dos bancos acadêmicos para a banca de advogado, para a diplomacia também migravam para o jornalismo, sendo este, mais diletante do que profissional. (NASCIMENTO, 1970, p. 17)

A Escola do Recife surgiu na Faculdade de Direito do Recife na segunda metade do século XIX quando Tobias Barreto se tornou estudante e se posicionou contra o positivismo jurídico vigente no país, vindo em seguida Sílvio Romero, e rejeitando a metafísica no curso a que submete-se na Faculdade de Direito do Recife. O que distingue a Escola do Recife é sua rejeição ao padrão de juristas que deveriam funcionar como intelectuais orgânicos do Império, responsáveis por elaborar a cultura jurídica em consonância com a cultura dos grupos dominantes rurais, que se espelhavam ora na orientação lusa do tomismo, ora nos princípios do francesismo científico.

Mas qual o significado de uma produção jornalística para os intelectuais? Segundo Jean-François Sirinelli (2003, p. 248), o meio intelectual constitui, ao menos para seu núcleo central, um pequeno mundo estreito, em que os laços se atam em espaços os quais consolidam convivência e troca de ideias. Segundo esse autor, a redação de uma revista ou do conselho editorial de uma editora, por exemplo, pode revelar como se estabelecem as ligações entre os intelectuais que se estruturariam nessas “redes” de convivência. Espécie de grupos que servem para retroalimentação e consolidação de suas ideias.

As redes de sociabilidades dos intelectuais constituídas através da formação de revistas estão estruturadas por duas formas elementares. Tais aspectos possibilitam identificar o perfil do grupo intelectual que a faz. A primeira é a força de coesão de seus integrantes. A segunda, são as ideias que expressam defender.

Segundo o historiador Sirinelli, as revistas primeiramente revelam as forças antagônicas de adesão que a compõem – pelas amizades que as subtendem, fidelidades que arrebanham e influência que exercem. Também expressam as posições de exclusão – posições tomadas, debates suscitados, cisões advindas.

As revistas são produtos intelectuais importantes porque se constituem como espécie de “observatório de primeiro plano da sociabilidade de microcosmos intelectuais” (SIRINELLI, 2003, p. 249), assim como lugar precioso para análise do movimento das ideias. A revista é um lugar de fermentação intelectual e de relação afetiva, ao mesmo tempo viveiro e espaço de sociabilidade.

Simmel (2006) estruturou o conceito de sociabilidade definindo que para haver esta forma mais elaborada de interação social, seria necessário que interesses e necessidades individuais se relacionassem em função de um sentimento e por uma satisfação mútua das pessoas estarem socializadas. Para haver sociabilidade é necessário que as pessoas se sintam unidas, tanto por interesses específicos quanto por um prazer de estarem juntas. O

fenômeno da sociabilidade pressupõe uma autonomia dos sujeitos para se “sociarem”, algo que os liberte do simples fato da obrigação de estarem em proximidade. (SIMMEL, 2006, p. 64).

Resta saber qual o impacto dessa mentalidade intelectual jornalística para o século XIX, no Brasil. Para responder essa questão, é apropriado referir-se ao estudo de Karl Mannheim⁴, sobre as correntes intelectuais de uma época, em sua obra “Ideologia e Utopia”. O autor esclarece que a diferença de uma mentalidade utópica conservadora para uma mentalidade utópica liberal-humanitária, é que a primeira não detém nenhuma utopia. Em termos ideais a mentalidade conservadora acha-se, por sua própria estrutura, completamente em harmonia com a realidade sobre a qual, por ora, mantém domínio. Despreocupa-se em teorizar sobre as condições concretas em que os seres humanos vivem, desde que esses homens estejam devidamente ajustados. Compreende o ambiente como fruto de relações naturais, as quais não é necessário fazer alteração alguma. Já a mentalidade liberal-humanitária, caracteriza-se por uma aceitação positiva da cultura e pela atribuição de uma tonalidade ética aos assuntos humanos, porém origina-se do conflito com a ordem existente⁵.

Concretamente, a Escola do Recife significou a ruptura de uma mentalidade utópica conservadora para uma mentalidade utópica liberal-humanitária, posição defendida veementemente nos escritos de seus adeptos.

2. Tobias Barreto, fundador da Escola do Recife

Tobias Barreto de Menezes nasceu no dia 07 de junho de 1839, na Vila de Campos, em Sergipe. Hoje, a vila é cidade que se localiza a aproximadamente 105 quilômetros da capital Aracaju e recebe o nome Tobias Barreto, em homenagem ao poeta, filósofo e importante jurista brasileiro. Tobias iniciou os estudos com sua mãe, dona Emerenciana Menezes. Aos doze anos de idade, estudou latim na cidade de Estância, também agreste sergipano. Aos dezoito, prestou concurso em Itabaiana para licenciatura e obteve nesse momento, como mulato que era, certa ascensão social, uma vez que se viu no cargo de professor de latim.

⁴ MANNHEIM, Karl. *Ideologia e utopia*. 4 ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986. p. 253

⁵ Op. Cit. p. 244

É em Itabaiana, já morando sozinho, que conquistou fama na boemia das noites quando recitava poesias, chamando atenção de um velho juiz que, impressionado com sua sagacidade e perspicácia, ofereceu-lhe uma carta de recomendação para estudar direito. Aos vinte e dois anos, seguiu para Salvador, onde conhece Sílvio Romero, seu colega de quarto no seminário e posteriormente grande amigo. No feitio de uma de suas rebeldias, Tobias foi expulso do seminário por tocar violão. Decidiu estudar direito na Faculdade de Direito do Recife. Chegou em dezembro de 1862 ao Recife, mas só iniciou seus estudos jurídicos em 1864.

No ambiente de ebulição acadêmica do Recife, surgiu nos anos 60 do século XIX, Tobias Barreto fundou o movimento da Escola do Recife, iniciado na poesia, que se alastra pelos outros campos da atividade intelectual, tais como a crítica de literatura e música, além de aspectos de filosofia, direito, história, folclore, etc. Provavelmente esse marco aconteceu através do artigo “Teologia e Teodiceia não são ciências” (SALDANHA, 1985).

Foi o amigo Sílvio Romero que designou o movimento como Escola do Recife. De fato, esse primeiro momento, ou seja, a primeira geração da Escola do Recife, é entendido por Nelson Saldanha (1985) como o simples convívio entre Tobias e Sílvio Romero. Para nós o “simples convívio” se expressa também nas investidas literárias através do teatro e de sua participação nos periódicos da Faculdade e locais.

Tobias Barreto começou a ganhar prestígio como estudante, destacou-se como uma liderança, ao criar uma legião de admiradores e seguidores através da poesia condoreira. Inicialmente, por meio das lutas que travava com Castro Alves, no ambiente de declamações de poesias no Teatro de Santa Isabel, em homenagem a afamadas atrizes. Seu perfil de líder irreverente o torna requisitado pela mocidade acadêmica.

Ao olharmos para as fases da Escola, podemos observar o quanto se confundem com a trajetória intelectual e pessoal de Tobias Barreto. Quando Tobias rompeu com a tradição de importação intelectual francesa e optou pelas referências tedescas, entrando nesse instante, em autores como Haeckel e Ludwig Noiré – este último, divulgador de Haeckel – ratificando suas andanças pelo monismo, a Escola se embasa nesse rompimento de paradigma. A irreverência do bacharel em se “batizar” em língua germânica funcionou como autoafirmação – como mestiço e pobre que era – numa sociedade ainda escravocrata. Tanta ousadia refletiu-se nos fundamentos da Escola do Recife, que se caracteriza como movimento vanguardista, de bacharéis de direito, atuante em várias áreas da intelectualidade.

Tobias formou-se em direito em 1869. Antes de terminar a faculdade, prestou concurso para a cadeira de latim do curso preparatório para a Faculdade de Direito do Recife, mas perdeu para o padre Félix Barreto Vasconcelos. Anos depois, prestou concurso para a cadeira de filosofia, do Ginásio Pernambucano, e passou em primeiro lugar nas provas escrita e oral. Porém, o classificado em segundo lugar nas provas escrita e oral, José Soriano de Sousa, médico e defensor das ideias de São Tomás de Aquino – foi que, mesmo assim, ocupou a vaga. Tobias Barreto era um crítico assumido do tomismo, sendo desconsiderada sua posição obtida no concurso.

Em 1871, o bacharel mudou-se para a cidade de Escada onde se casou, aos trinta anos de idade, com Grata Mafalda dos Santos. Formado e advogando, passou a ser curador de órfãos e escravos e assumiu a função de juiz substituto. Em Escada, Tobias Barreto aprofundou seus estudos alemães. Nesse período, como autodidata, também aprendeu alemão.

Fundou uma tipografia nessa cidade e começou a produzir alguns jornais, inclusive o famoso *Deutscher Kaempfer* – datado de 1875 – escrito em alemão. O periódico obteve mais repercussão externa que em Pernambuco, tendo sido noticiado seu surgimento no periódico alemão, de Porto Alegre, *Deutsch Zeitung*.

Ainda em Escada, enveredou para o partido liberal, lançando sua candidatura como deputado provincial em 1878. Defendeu polêmico projeto, de autoria do Barão de Nazaré, um de seus poucos amigos, o qual pretendia conceder bolsa de estudos a uma cidadã recifense para estudar medicina nos Estados Unidos. O doutor Soriano, entretanto, era contra tal projeto, tendo defendido a ideia de que as mulheres não teriam capacidade intelectual para o ensino superior. Tal argumento foi rejeitado totalmente por Tobias. Vitorioso no debate do projeto do Barão de Nazaré, Tobias Barreto fomentou, posteriormente um projeto para construção de uma escola pública para as mulheres.

Apesar de ter se filiado ao partido liberal, segundo Nelson Saldanha, Tobias Barreto não se considerava totalmente um desses adeptos, porque os via como “ridículos”.

“Não sou, não posso ser conservador e isto por índole. Liberal, não sei se sou; ao menos entre nós os liberais me repelem, e eu de minha parte os acho sofrivelmente ridículos, desde os chefes que comprometem o partido até qualquer desses desfrutáveis quarentaeoitistas que têm na parede o retrato de Nunes Machado abaixo do registro de N. Sra. da Penha, sem falar no resto.” (SALDANHA, 1985, p. 18).

Tobias Barreto retornou ao Recife em 1882, quando fez concurso para docência da Faculdade de Direito do Recife e foi aprovado, tornando-se professor de direito. As faculdades de direito do Brasil, a de São Paulo e a de Olinda, posteriormente, de Recife, viviam um marasmo intelectual porque importavam suas ideias da tradição da Faculdade de Direito de Coimbra, a qual tinha notadamente, em suas raízes, o pensamento jurídico francês. Foi nesse momento, que Tobias Barreto chegou na Faculdade do Recife, quebrando o paradigma de tradição francesa. Colaborou como professor, para que os estudantes se desprendessem do positivismo de Augusto Comte. Esta fase da Escola do Recife tem em seus adeptos - a mocidade acadêmica a qual Tobias lecionava – seus principais propagadores.

Tobias Barreto morreu em 26 de junho de 1889. A causa de sua morte adveio de várias moléstias, dentre elas, uma lesão cardíaca que possuía havia mais de três anos. Tobias teria sussurrado no seu leito de morte: “Erguei-me. Quero morrer como soldado prussiano”.

3. Metodologia da pesquisa

A produção jornalística de Tobias Barreto inicialmente foi investigada a partir de um levantamento quantitativo que realizamos, respeitando a História da Imprensa de Pernambuco de Luiz do Nascimento. O levantamento dos volumes dessa obra resultou na ordenação de 30 periódicos que catalogamos num quadro criado exclusivamente para essa pesquisa. O quadro classifica: a) periodicidade de publicação, se semanal, quinzenal ou mensal; b) os temas dominantes dos periódicos: se literatura, política ciência ou arte dramática; c) o vínculo de participação do jornalista bacharel com o periódico, ou seja, se foi diretor, editor ou colaborador; e d) o formato do periódico, se jornal ou revista.

Apesar de Tobias Barreto ter escrito em vasto número de periódicos do Recife e Escada, não são eles de fácil acesso, pois nem todos estão disponíveis física ou digitalmente. Alguns desses jornais estão sendo analisados na pesquisa. Aqui apresentamos o texto do primeiro periódico em que Tobias escreveu como redator, que ocorreu na revista O Acadêmico, publicada em 1865, produzida por integrantes da Faculdade de Direito do Recife.

4. Tobias Barreto e sua produção jornalística

Tobias Barreto iniciou, de fato, sua atuação jornalística em maio de 1865, na revista *O Acadêmico*, como redator, tendo, entretanto, anteriormente, sido colaborador na parte poética do jornal *Ensaio Litterário* – publicado de 15 de dezembro de 1864 a 30 de maio de 1865. A revista *O Acadêmico* foi produzida por um grupo de segundanistas do curso de direito da Faculdade do Recife, fazendo Tobias parte da composição científica do jornal, visto que este era literário e científico.

Em 1866, o futuro bacharel fez parte do grupo redacional da *Revista Ilustrada*, periódico de política e de literatura humorística. Foi exatamente nessa revista, a qual teve apenas duas publicações, que ocorreu a polêmica com o poeta Castro Alves. Afinal, na seção *Noticias Telegraphicas*, um dos redatores com o pseudônimo de Maglorio fez menção a um papa-ovo que declamava poesias a uma afamada atriz – no caso, Eugênia Câmara – no Teatro de Santa Isabel. Não há comprovante, mas um Suplemento depois da segunda e última publicação da *Revista Ilustrada* teria sido veiculado, com o próprio Tobias tendo se posicionado contra Castro Alves, tendo este o refutado em seu periódico *A Luz*. Em 1867, colaborou no jornal literário *A Lucta*, e em 1868, participou nos jornais *A Regeneração* e *A Razão*. Em *A Regeneração*, figurava como colaborador, sendo o jornal um periódico político, noticioso e literário, em que publicou o artigo “A propósito de uma teoria de São Tomás de Aquino”, em resposta a uma Carta Aberta de Godafredo Autran, o qual havia escrito em refutação às ideias de Tobias. Já em *A Razão*, datada sua única publicação de 28 de outubro de 1868, foi redator; o periódico tratava de ciências e literatura. Em 1869, colaborou com uma poesia na primeira edição de *O Vesúvio*, jornal científico, literário e noticioso, que apareceu no dia 15 de maio do ano citado; ainda teve o jornal em seu nº 3 a colaboração do sergipano.

No ano de 1870, Tobias participou como redator dos periódicos *O Americano* e *Crença*. Em *O Americano*, colaborou inicialmente com uma série de artigos intitulada “A religião perante a psicologia”, na parte literária, passando só a partir do nº 6 a integrar o corpo redacional do semanário político e literário. Em 30 de maio do mesmo ano, surge o jornal literário *Crença*, que tinha como redator principal Sílvio Romero, sendo Tobias participante tanto em prosa quanto em verso.

Quando termina sua tarefa em *O Americano*, Tobias muda sua residência para Escada, interior pernambucano e área de domínio de seu sogro, coronel e senhor de engenho, João Felix dos Santos. Tobias vai trabalhar como juiz substituto em solo escadense e

concomitantemente atuava como jornalista, publicando estudos filosóficos no Jornal do Recife e produzindo crônicas literárias para o Jornal do Commercio. No jornal político, literário e religioso O Liberal, de primeira aparição datada de 14 de abril de 1872, Tobias Barreto assinou várias produções dentre elas: “A Província e o Provincialismo”, no ano seguinte, “O Direito Público Brasileiro”, “Crítica Literária”, “A última obra do sr. Alexandre Herculano” – sendo esta, uma série de cinco extensos artigos – e “Auerbach e Victor Hugo”. Ainda no mesmo ano, Tobias Barreto colabora no jornal literário O Movimento, assinando na edição de estreia “As lendas e as epopéias”.

Em 1874, Tobias Barreto produziu sozinho em Escada, na tipografia de segunda mão que havia comprado, o periódico direcionado à comédia político-social, Um Signal dos Tempos, que teve apenas dez números. O periódico em questão circulou até o princípio do ano seguinte, quando surgiu o jornal A Comarca de Escada, substituído posteriormente por O Desabuso, ainda em 1875. Esses três jornais tinham Tobias como diretor, ou seja, proprietário, além de abordarem como tema principal a política.

Ainda em 1875, surge, em 02 de agosto, o famoso jornal redigido em alemão por Tobias e intitulado Deutscher Kaempfer, que teve mais efeito externo que interno, uma vez que a princípio os diários recifenses nada registraram a respeito do surgimento do periódico, somente vindo a fazê-lo o Diário de Pernambuco, em sua seção “Revista diária”, quando transcreveu a notícia a respeito do determinado jornal que havia sido noticiada por um jornal alemão Deutsch Zeitung, dirigido por Carlos Koseritz, de Porto Alegre. Deutscher Kaempfer, que traduzido significa “lutador alemão”, foi um jornal político o qual teve cinco edições.

Em 1876, surge o periódico, também de propriedade de Tobias Barreto, O Povo de Escada, que tratou em seu primeiro número das fraudes eleitorais, atribuídas em maioria aos políticos conservadores. Teve vida efêmera. No ano seguinte, Tobias redigiu Aqui Para Nós, que não passou da segunda publicação. Ainda em 1877, Tobias juntamente a alguns amigos, em setembro, funda o Clube Popular Escadense, que só durou quinze dias, mas que em sua instalação contou com a pronúncia do bacharel sedimentada no “Discurso em mangas de camisa”, que logo foi publicado no Jornal do Recife.

Em 1878, o mestre publicou outra brochura em alemão EinOffenerBrief na Die Deutsche Press e redigiu o jornal de única edição A Igualdade. Membro de uma associação em Recife, editou a revista mensal, de cunho científico e literário, O Século, que circulou pela primeira vez em 01 de junho do ano em questão. Em 1879, circulou em Escada, o

polêmico crítico e literário jornal *Contra a Hypocrisia*, de propriedade de Tobias, o qual atacava por intermédio do periódico as autoridades da justiça escadense. O periódico dizia-se impresso na firma “Obólo, Jiló, Quartau & Cia”, menção aos apelidos atribuídos ao juiz de direito, ao juiz municipal e ao promotor da comarca.

Ainda em Escada, Tobias redigiu a revista mensal de filosofia, direito, literatura e crítica, de aparição primeira em novembro de 1880, intitulada *Estudos Alemães*. Os artigos dessa revista foram quase todos reunidos, em 1882, num livro de mesmo título do periódico. De março a abril de 1881, circulou o jornal político *O Martello*.

Em 1882, Tobias juntamente à família retornou a Recife, em setembro, pois corria risco de vida em solo escadense. Enquanto, a gente simples o adorava, os poderosos o detestavam. Foi nesse mesmo ano, no mês de abril, que prestou concurso para lecionar na Faculdade de Direito do Recife, tendo sua nomeação saído a 1º de agosto. Tobias lecionou na Faculdade de Direito num espaço de seis anos, em que assumiu como titular e substituto, as cadeiras de Economia Política, Filosofia do Direito, Processualística e Direito Público, também promovendo cursos particulares de Direito Criminal e Literatura. Entre os anos de 1881 e 1882, colaborou não assiduamente com obras para os periódicos: *A Lyra*, *A Estação Lyrica* e *A Tribuna*. *A Lyra* datada de 12 de julho de 1881 se tratava de uma polianteia em homenagem à artista Giuseppina de Senespleda Battaglia que estava em cartaz no Teatro de Santa Isabel; Tobias juntamente a outros autores compunham a seção das crônicas. Já em *A Estação Lyrica*, periódico iniciado em 18 de abril de 1882, Tobias participou contribuindo com o jornal temporário que possuía como finalidade divertir os leitores, mostrando tudo a respeito do período que a Companhia Lírica Italiana estivesse em exibição no Teatro de Santa Isabel. Em seu nº 8, dentre os vários autores de prosa e verso, constava o nome de Tobias Barreto. *A Tribuna*, também de 1882, de propriedade de João Barbalho Uchoa Cavalcanti, visava literatura e política. Ainda em 29 de junho de 1882, Tobias participou da polianteia em homenagem ao maestro Carlos Gomes, em que escreveu poesias.

Figurou em 1883, como colaborador no periódico diário *Folha do Norte*, de propriedade de Martins Júnior, Francisco Campelo e Phaelante da Câmara. Participou como redator do periódico *O Industrial*, que entrou em circulação em 15 de janeiro de 1883, de propriedade da Fábrica Apolo, de Antônio Pereira da Cunha. *O Industrial* era mensal, publicou-se até seu nº 12 e tinha como objetivo abordar temas como a agricultura e a indústria, em geral.

Em 14 de fevereiro de 1884, entra em circulação o jornal de ocasião, que tinha como temática principal o teatro, *A Arte Dramática*. De distribuição gratuita, *A Arte Dramática*

era de propriedade de Francisco Paula Mafra. Tobias atuava como redator de artigos a propósito do drama e teatro. Outro periódico também de propriedade de Mafra, o qual Tobias fez parte do grupo redacional foi intitulado Revista das Artes, que chegou à circulação em 11 de janeiro de 1885, tratava de literatura e teatro.

O periódico Revista Academica, datada de 05 de maio de 1886 a 30 de abril de 1888, teve Tobias como colaborador, divulgando alguns trabalhos. O periódico em questão era um órgão quinzenal de temática literária.

A última aparição jornalística de Tobias advém da edição de 1888 de A Academia, período este que o mestre já se encontrava doente. Assim como vários outros autores, Tobias fez saudações, era uma homenagem dos estudantes de direito ao dia 13 de maio.

PRODUÇÃO JORNALÍSTICA DE TOBIAS BARRETO DE MENEZES - SÉCULO XIX

PERIÓDICOS	ANO	FORMATO			TEMÁTICA				VÍNCULO		
		Jor	Revi	Outro	Lit	Teat	Pol	Ciên	Dir	Red	Col
Ensaio Litterário	1864										
O Academico	1865										
Revista Illustrada	1866										
A Lucta	1867*										
A Regeneração	1868										*
A Razão	1868										
O Vesuvio	1869										*
Crença	1870**										
O Americano	1870										
O Liberal*	1872										
O Movimento	1872										*
Um Signal dos Tempos	1874						*				
A Comarca de Escada	*						*				
O Desabuso	*						*				
DeutscherKaempfer	1875										
O Povo de Escada	1876*										
Aqui Para Nós	1877						*				
A Igualdade	1878*						*				
O Século	1878										
Contra a Hypocrisia	1879										
Estudos Alemães	1880										
O Martello	1881						*				
A Lyra	1881										*
A Estação Lyrica	1882										*

A Tribuna	1882*								
Folha do Norte	1882*			*		*			
O Industrial	1883								
A Arte Dramática	1884								
Revista das Artes	1885			*	*				
Revista Acadêmica	1886								
A Academia	1888				*				

*carece de informações

*col = participação não assídua

5. Tobias Barreto e sua participação na Revista O Acadêmico (1865)

Tobias Barreto iniciou seus escritos jornalísticos como redator de um periódico, ainda como estudante, em maio de 1865, na revista O Acadêmico.

O Acadêmico, segundo o historiador da imprensa em Pernambuco, Luiz do Nascimento, foi periódico científico e literário, composto pelos acadêmicos segundanistas do curso de Direito da Faculdade do Recife. Possuía duas comissões: uma científica – a qual Tobias fazia parte – e outra literária. Tobias já havia participado em 1864 do jornal Ensaio Litterário como colaborador – mas foi somente em 1865, que escreveu como redator, a Introdução dessa revista. O Acadêmico era impresso na tipografia Correio do Recife, situada na rua do Imperador, n° 79. Somente foram publicadas duas edições. A primeira em maio e a segunda no mês de junho, ambas no ano de 1865.

Na Introdução do número de lançamento da revista O Acadêmico⁶, percebemos que Tobias expõe sua ideia de jornalista como um formador de opinião disposto a “evangelizar verdades”, não falseá-las. Para Tobias Barreto, ser jornalista ou escritor era como uma atividade de “sacerdócio”. Porém, diferentemente, não vinha cumprindo o seu papel, por estar lançando no meio das multidões, blasfêmia e falta de piedade. A busca da verdade jornalística deveria ser comparada ao ato de distinguir a “voz de Deus” no tumulto da sociedade, do mesmo modo que se busca escutar o rumo do vento no contexto da solidão. O texto é estudantil, mas critica a imprensa do século XIX, que em sua visão estaria ao sabor de falsas interpretações de fatos que não esclarecem a massa:

“Fora bom que o aparecimento de um jornal sempre tivesse por fim a evangelização de uma ideia... uma ideia! – é muito vago - digamos antes, a evangelização de uma verdade.

⁶ BARRETO, Tobias. Introdução. *O Acadêmico*: jornal científico e litterario, Recife, ano 1, n. 1, maio 1865.

“Do alto da imprensa, esse tribunato, para não dizer esse sacerdócio, o tribuno, o padre, o magistrado da opinião pública, isto é, o escriptor, não tem duvidado lançar à voracidade das multidões o paradoxo, a impiedade, a blasphemia.

E raros são os que, por cima deste ruído imenso que se chama sociedade, ainda escutam, ainda procuram distinguir a voz de Deus, muitas vezes misturada, confusa, indistincta, como os rumos dos ventos com o gemer das tormentas no seio das solidões.” (BARRETO, 1865, p. 1)

Como Tobias faz parte da Comissão científica da revista, o que está propondo é uma atitude de escrever aquele novo periódico, com conteúdo mais profundo, sabendo dar ouvidos ao pensamento filosófico. A superficialidade da notícia acabaria por não ter contribuição real para a história. A razão da superficialidade estaria numa visão cética e materialista que acabaria julgando os fatos por sua aparência material. Esse jornalismo somente destacaria o significado do progresso tecnológico e prazeres da civilização. Porém, isso passaria com o século.

“Entretanto o século descansa. A tropelia das machinas, o alarido babélico de um trabalhar inglorio, os murmurios, as gargalhadas do dia, todas as castas do prazer, toda a família dos vícios que ahi passam com a civilização, não articulam um apalavra aos ouvidos da Philosophia, não deixam um vestígio profundo aos olhos da historia”.

É que os homens scepticos em quasi todas as suas theorias, obscurecem-se pelo materialismo tacito, esteril de todas as suas praticas materiaes.” (BARRETO, 1865, p. 1)

O texto escrito por Tobias Barreto passa a definir o perfil dos estudantes que estão fazendo aquele periódico como sendo de moços destemidos que possuem uma esperança no futuro, apesar de se defrontarem com o presente em que se duvida de tudo pelo raciocínio. O conceito de progresso também não é de satisfação com o mesmo, porque este teria enveredado pelos caminhos das satisfações de interesses pessoais de ascensão de carreira que desprezam “voos” do raciocínio.

“Quando pois tudo está absorto, apertado, inscripto no círculo mesquinho dos interesses, do egoísmo, quando o espírito humano parece que trocou o vôo pela carreira, deixou de ser aguia, para ser esse não sei o que monstruoso e ferrivoro que se decora com o nome de progresso, admira como ainda se ouve o preludiar de algumas vozes, o bater de algumas azas; agrada, consola o hymno dos poucos que ainda sonham glorias, louros no futuro – imensa arvore de fructos d’ouro, para a qual avança, feramente insaciável o coração da mocidade.” (BARRETO, 1865, p. 2)

Esse texto acadêmico revela o curso do antipositivismo que os estudantes tomariam guiados por Tobias Barreto. É Tobias quem vem revelar o materialismo que não despreza religiosidade. Defende as coisas mais sagradas, como os ensinamentos do Evangelho,

afirmando que o passado não deve ser desprezado como lição de ensinamentos. Tobias manifesta a sua índole religiosa, mas sem desacreditar que a vida é matéria em graus diferentes.

A proposta de Tobias Barreto é que O Acadêmico, um jornal de estudantes de Direito, deveria procurar uma escrita compromissada com a verdade, passando pelo esclarecimento da filosofia, com teor de profundidade capaz de contribuir historicamente. Um jornal que não perdesse tempo jogando com a difamação. Ou que, trabalhasse para não incorrer no contexto de ideias materialistas que contribuíssem para tirar a fé num futuro sem propostas e idealizações de dias melhores. Uma fé baseada na razão. Fé como atitude capaz de contribuir para a melhoria do futuro e, ao mesmo tempo, posicionamento pessimista sobre o progresso aparentemente civilizado do presente.

6. Considerações Finais

O que mais chama a atenção nessa produção de Tobias Barreto foram seus anos no município de Escada ao se tornar dono de uma Tipografia e produzir os próprios jornais. Tobias Barreto tanto dependeu da sociabilidade mantida com companheiros de outros periódicos, quanto fundou órgãos de divulgação voltados para temas que considerou importantes. Foi a fase da Escola do Recife mais produtiva, pois consolidou a divulgação do direito e da filosofia alemães entre nós. Porém, os periódicos também objetivavam esclarecer a população sobre fraudes eleitorais cometidas pelos políticos regionais, e até colocar em questão a hipocrisia das autoridades da justiça da cidade de Escada, tais como juízes e promotores da comarca.

Tobias Barreto atraiu para si, na cidade de Escada, através da publicação de seus periódicos, o respeito do povo simples e o ódio das autoridades. Sua inteligência multifacetada permitiu-lhe abordar com profundidade artigos sobre agricultura e indústria; arte dramática, música e artes em geral; além dos temas relativos à filosofia do direito, espiritualidade e política nacional.

A rede de sociabilidade dos jornais que Tobias Barreto participava, também se originou de seus anos acadêmicos na Faculdade de Direito do Recife, a exemplo de Sílvio Romero. O impacto de sua produção jornalística, no nosso entender foi algo mais que uma mentalidade utópica liberal-humanitária, pois Tobias Barreto rompe com o presente e não se identifica totalmente com a burguesia e com os intelectuais que dela faziam parte.

A força de sua abordagem sobre arte, cultura e filosofia, não advém da relação direta com as forças sociais e políticas dominantes. O novo (o utópico ou ideológico) da Escola do Recife surge do espírito singularmente pessoal de Tobias Barreto que ultrapassa os limites da ordem vigente de forma revolucionária. Porém, para que essa concepção utópica tomasse força, foi necessário que se vinculasse a correntes de pensamento já existentes na sociedade, dando-lhe força e visibilidade, para que essa se traduzisse diante do coletivo como ação, causando de fato um desafio à ordem vigente.

REFERÊNCIAS

- BARRETO, Luiz Antonio. *Tobias Barreto, a Abolição da Escravatura e a Organização da Sociedade*. Aracaju: Sociedade Editorial de Sergipe, 1926. (Obras completas, 7).
- CHACON, Vamireh. *História das Ideias Socialistas no Brasil*. 2 ed. Rio de Janeiro: Edições UFC/Civilização Brasileira, 1981.
- DELGADO, Luiz. *“A Escola do Recife” em Gestos e Vozes de Pernambuco*. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 1970.
- FERREIRA, Luis Pinto. *Tobias Barreto e a Nova Escola do Recife*. Recife: Imprensa Industrial, 1953.
- GRAMSCI, Antônio. *Os intelectuais e a organização da cultura*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982.
- MANNHEIM, Karl. *Ideologia e utopia*. 4 ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.
- NASCIMENTO, Luiz do. *Três mestres de direito no “batente” do jornal*. Recife: Imprensa Oficial, 1966.
- _____. *História da imprensa em Pernambuco (1821-1954)*. Recife: Imprensa Universitária da Universidade Federal de Pernambuco. Vol. 5, 1970 e Vol. 6, 1972.
- O ACADEMICO. Recife: Typografia do Correio do Recife, maio 1865 – jun. 1865.
- PAIM, Antônio. *A filosofia da Escola do Recife*. 2 ed. São Paulo: Convívio, 1981.
- SALDANHA, Nelson. 2 ed. *A Escola do Recife*. São Paulo: Convívio; Brasília: INL, Fundação Nacional Pró-Memória, 1985.
- SIMMEL, Georg. A sociabilidade. In: _____. *Questões fundamentais da sociologia: indivíduo e sociedade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.
- SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In: REMOND, René. (Org.) *Por uma história política*. 2 ed. Rio de Janeiro: FGV, 2003. 231- 269 p.
- STF. Tempo e história – Tobias Barreto. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=aeBahPZIAD4>> . Acesso em: 16 jan. 2015.